ANDRÉ LUIZ BASTOS DE FREITAS

**ENTRE A FÉ E A POLÍTICA: AGENTES DE PASTORAIS CATÓLICAS PROGRESSISTAS NA DIOCESE DE FEIRA DE SANTANA (1980-2000)**

Pré-projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia - DCHF da Universidade Estadual de Feira de Santana.

# Feira de Santana

**2013**

**“No ventre de Maria, Deus se fez gente.**

**Mas foi na oficina de José que Deus também se fez classe.”**

(D. Pedro Casaldáliga)

1. INTRODUÇÃO

Questões relativas à militância na esfera social estiveram incisivamente presente na minha trajetória de vida, quer participando do grupo de jovens do bairro ou da Paróquia[[1]](#footnote-1) da Catedral de Senhora Santana, quer posteriormente atuando na Pastoral da Juventude do Meio Popular - PJMP. E através desse último envolvimento nos foi credenciado interagir com outros segmentos religiosos, sociais, políticos e ideológicos tidos progressistas e de esquerda na cidade de Feira de Santana.

Nos idos da década de 1980 acompanhei o desaguar de movimentos militantes de cunho social e popular composto por agentes de pastorais católicas oriundas e/ou simpatizantes das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, e que se aproximavam do pensamento ideológico de esquerda[[2]](#footnote-2) em Feira de Santana e, também, encontrava no ideário político-partidário do recém-organizado Partido dos Trabalhadores - PT[[3]](#footnote-3) da cidade, um relevante porto de chegada.

Se a história real não tende a ser linear. A evolução da religião não obedece apenas a uma lógica interna, mas sofre as influências da sociedade em que vive. A Igreja Católica como qualquer outra instituição, acredito, influenciada pelas mudanças na sociedade em geral não tendeu a passar incólume perante os aspectos que emergiam no mundo.

Com base nessas ponderações que pretendo analisar o incremento, a trajetória da participação política e aproximação ideológica dos agentes de pastorais católicas progressistas junto aos segmentos de esquerda da cidade de Feira de Santana a partir de meados da década de 1980, onde embebidos com a práxis das CEBs, comumente designada como “um novo modo de ser igreja” (CNBB, p. 5, 1986) sustentaram uma relevante militância no emergente PT local.

O objeto destacado pode ter sido acompanhado com mais eloqüência pelo viés sociológico, atida em outrora por historiadores clássicos em uns poucos parágrafos. Entretanto, consoante Laura de Mello e Souza (2001), as religiosidades caíram no gosto histórico porque os tempos são propícios, a esse tipo de preocupação que, por sua vez, tem uma inserção profunda em nossa vida cotidiana.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) constitui-se uma vasta tecedura eclesial e social realizando a essência teológica da Igreja a partir do povo pobre e pelo povo pobre, unindo fé com a vida, salvação de Jesus Cristo (fundamento do cristianismo) com processo de libertação das opressões históricas a que os humildes estão duramente submetidos. Processualmente, faz-se surgir uma “eclesiogênese”: gênese de uma Igreja, tendo ao seu lado apoio institucional da hierarquia católica. Constituíram-se um dos igarapés que engrossavam o rio caudaloso do Partido dos Trabalhadores, uma experiência que mobilizava massas, vislumbrou uma tomada de transformação da sociedade, erigida pelos agentes de pastorais e que à luz da teologia da libertação, sustentaram uma relevante militância no partido.

A nossa expectativa é de que a nossa análise acadêmica possa contribuir para a historiografia política católica, no contexto brasileiro no período pós-Concílio Vaticano II, onde os ventos que renovaram institucionalmente a Igreja a credenciou na tomada de posições políticas. Catalisadora incrementou formação, desenvolveu idéias, ascendeu olhares.

Esperamos que o resultado dessa pesquisa, enquanto construção do conhecimento, se apresente como partilha do saber oriundo da educação superior, pois um dos aspectos mais palpitantes da História é fornecer hipóteses plausíveis sobre o modo como as pessoas levam sua existência (SILVA, 1999).

1. **REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Ao lançarmos mão de uma análise da situação política da Igreja Católica de Feira de Santana e seus desdobramentos junto a segmentos políticos de esquerda, no período compreendido entre os anos de 1980-2000, se faz necessário remontar no tempo histórico o desencadeamento que originou o engajamento de agentes de pastorais, que forneceu boa parte dos militantes e simpatizantes do Partido dos Trabalhadores e movimentos populares da cidade.

Para início de nossa trajetória haveremos de recorrer à conjuntura que se encontrava o mundo católico antes, durante e depois Concílio Vaticano II (1962-1965), estabelecido no pontificado de João XXIII, tendeu a apregoar uma modernização à Igreja, renovando-a. Através das Encíclicas “Mater et Magistra” (1961) e “Pacem in Terris” (1965) se incitava na Igreja uma tomada de posições significativas diante dos problemas atuais, o *arggiornamento[[4]](#footnote-4)* encontrava-se em curso (AQUINO etti ali, 1989).

Alberto Antoniazzi (2000) salienta que é perceptível, em linhas gerais, que nos anos de 1960-1970 em muitos países católicos pairava um novo anseio por uma Igreja “comunidade missionária”. Desejava-se uma reaproximação da Igreja às suas origens: volta à Igreja ao evangelho e dos pobres, ou ao mesmo volta à Igreja antiga, dos Padres, e a uma Igreja não identificada apenas com a hierarquia, mas com o “povo de Deus”, dimensão antropológica. Igreja em que todos são sujeitos ativos, que participam da missão confiada inicialmente aos apóstolos. Igreja que redescobre e valoriza a dimensão comunitária, entendida especialmente como “comunidade de dimensões humanas”, onde todos se conhecem e são reconhecidos.

A Igreja espera renovar-se e reconstruir-se a partir de baixo, a partir da “base”, a partir de sua inserção na vida do povo. Este ideal no Brasil é acolhido e assumido não apenas espontaneamente por algumas comunidades eclesiais tradicionais, nas capelas de interior das periferias urbanas ou da zona rural, mas se torna um objetivo explícito do Plano de Pastoral de Conjunto: 1966-70 (PPC). A história das comunidades de base, que parecem adquirir vida autônoma nos anos de 1970, dando origem aos “Encontros Intereclesiais de CEBs” (Comunidades Eclesiais de Base), mistura freqüentemente a existência de comunidades com raízes na tradição (capelas, comunidades rurais, periferias), com a ação de agentes de pastorais (bispo, padres, religiosos e leigos jovens ou adultos, às vezes teólogos). De certa forma, relata Antoniazzi (2000), “convergiram no florescimento massivo de CEBs no Brasil, inspirada pela Ação Católica e a eclesiologia do Vaticano II”.

A efervescência teológica latino-americana, configurada com na Teologia da Libertação, serve como um arcabouço teórico que sustentava a práxis, a significação das ações políticas emanadas dos agentes de pastoral. À luz da teologia recorria-se para entender a gênese da opressão social, nas sociedades periféricas, sob o signo trágico do subdesenvolvimento. A Teologia da Libertação para dar-se conta em termos de análise social, implícita ou explicitamente se guiava pela análise marxista da sociedade (CATÃO, 1988).

Uma inversão de valor à tendência teológica dominante se encontrava em curso, tornando-se uma teologia da terra conferida à realidade do povo pobre, contrariava a perspectiva neo-escolástica rigorosa no seu método, mas no fundo formalista incapaz de dar conta do desafio que os pobres representam para o pensamento e para a prática cristã.

Leonardo Boff (2008) destaca que para a teologia da libertação: “optar pelos pobres é optar afetivamente pelo Cristo pobre que se vela e revela neles. Finalmente, importa comprometer-se efetivamente com eles para juntos realizar a obra da libertação concreta”.

Não se atendo exclusivamente ao pobre, sob o conceito raso num sentido economicista, como aquele carente de meios de vida. Na verdade, o pobre é um injustiçado e um empobrecido. (GUTIÉRREZ apud BOFF, 2008).

O cristianismo de libertação moldou a geração de católicos progressistas, remodelando a cultura religiosa e política no meio latino-americano, constituindo-se uma prática singular. Para os membros das comunidades, a religiosidade não é apenas um instrumento de transformação social, mas a fonte inspiradora de um mundo novo.

Desde uma perspectiva científica, o instrumento de análise social marxista esclarecia essa realidade de domínio político-econômico por parte das potências capitalistas aos países colonizados, dependentes economicamente das nações desenvolvidas. Na medida em que se disseca a partir de suas entranhas o funcionamento de acumulação capitalista, o marxismo põe a nu as contradições do capitalismo. A teologia da libertação sobrevivida de maneira marginal se apresentou como a alternativa ideológica coerente capaz de dar sentido ao momento histórico por que a Igreja passava.

A perspectiva sócio-pastoral das conclusões das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, seja a de Medellín (1968) ou a de Puebla (1979), apontou à Igreja a necessidade de maior participação política dos leigos, a fim de gestar radicais modificações nas estruturas políticas, econômicas e sociais, modificações que permitam uma organização da sociedade baseada na justiça social, o que traduzia as ingerências das novas diretrizes pastorais do Concílio Vaticano II à realidade continental. Assim, a teologia da libertação deixou de ser expressões de grupos pára-eclesiásticos, radicais, e foi elevada à condição de voz do episcopado latino-americano (ALVES, 1984) (AQUINO etti ali, 1989).

Esses teólogos teriam, por conseguinte, com o passar do tempo e inversão de tendências, sido acusados por setores conservadores de fomentar a formação de células comunistas dentro da Igreja, onde as CEBs representavam o seu principal mecanismo de ação.

Não obstante a produção intelectual de Émile Durkheim (1858-1917), quando esse autor procura a sociologia como disciplina objetiva e positiva, tendeu a oferecer um primeiro esboço teórico-metodológico para a análise de sistemas religiosos.

Ao procurar distinguir Sociologia e História, Max Weber (1864-1920) destaca que, “a primeira teria por objetivo a construção de “conceitos-tipo”, propondo-se a encontrar as regras gerais dos fenômenos sociais, ao contrário da segunda, cuja preocupação seria a análise e a explicação causal de estruturas e ações individuais, consideradas culturalmente importantes” (HERMANN, 1997, p. 333).

O papel da religião na vida social é um aspecto que ganha evidência nas reflexões de Karl Marx (1818-1883) que realiza um contraponto às explanações sociológicas de autores como Durkheim e Weber. Conhecido como relevante expoente e crítico dos trâmites do capitalismo e suas contradições sociais, bem como arquiteto do socialismo científico, em 1842, Marx afirmara que a “religião não vive no céu, mas sim na terra” (HERMANN, 1997, p. 334), em alusão aos condicionamentos sociais e políticos das idéias religiosas.

Ainda segundo Hermann (1997, p. 334), “para Marx e Engels, o estudo das religiões só poderia ser feito atrelado à luta de classes, na medida em que percebiam a religião como uma ilusão destinada a mascarar e a justificar a desigualdade entre as classes sociais, cuja origem tinha bases eminentemente econômicas.”

Atentos às possibilidades históricas de manipulação das crenças e o exercício do poder religioso para a dominação social, Marx afirma “que a religião cumpre uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem para a “legitimação” do poder dos “dominantes” e para a “domesticação dos dominados”” (BOURDIEU, 2007, p. 32).

Ao longo das gerações que sucederam com a Escola dos Annales bem como o desencadeamento da História das Mentalidades[[5]](#footnote-5) que dá refúgio à História Cultural, contribuiu metodicamente para o estudo das crenças percebidas na sua dupla determinação, religiosa e política. Com efeito, ao redescobrirem o “homem comum” como elemento fundamental no desenvolvimento de transformações históricas, tanto na curta quanto na longa duração, propuseram uma abordagem problematizada dos processos históricos. E, nessa esteira, a religião passa a ser vista como fundamental para compreender o mundo e se não há recusa de reflexões das expressões culturais advindas da elite, revela-se especial apreço pelas massas anônimas, pelo popular.

1. **JUSTIFICATIVA**

Rubem Alves (1984, pp. 128-129) explana que:

Os movimentos leigos católicos e protestantes, criados dentro de uma ideologia eclesiocêntrica, como instrumentos para tornar a Igreja presente no mundo, já que o mundo não se fazia presente na Igreja, fugiram do controle eclesial e ganharam uma dinâmica própria. Não lhes interessava a expansão da Igreja e nem mesmo a sua sobrevivência. Interessava-lhes, isto sim, participar nos processos políticos da sociedade, com o propósito de torná-la mais justa, humana e livre. Muito embora tais movimentos não tenham produzido nenhuma teologia, na compreensão acadêmica desta disciplina, os documento que produziram revelam que uma nova teologia estava em gestação. Não mais uma teologia metafísica, mas uma teologia política. Foi então que surgiram os germes daquilo que, no final dos anos 60, receberia o nome de “teologia da libertação”.

Essa categoria, libertação, não surgiu acidentalmente, conseqüência de inúmeros debates teológicos e políticos. Em suma a sua significação pretende contestar os ideais de desenvolvimento qualitativo, que se silencia sobre as condições opressivas das relações sociais. Onde o que importa não é o crescimento, puro e simples, crescimento que preservava a continuidade das relações de dominação, mas o salto qualitativo que transforma os homens de objetos em sujeitos de sua própria história.

Embora, o campo de investigação e estudo de envergadura religiosa tem sido acompanhado com mais eloqüência pela Sociologia, na medida em que a religião, enquanto elemento constitutivo da sociedade passou a merecer por parte da disciplina atenção e estudos mais objetivos e sistemáticos.

O interesse por essa pesquisa torna-se necessário para se explicar, sob análise histórica, o estabelecimento das ações políticas de esquerda dos agentes de pastorais católicos, que com a influência da teologia da libertação, redescobriu uma tradição profético-política da Bíblia, quando privilegia aí os setores sociais oprimidos, dominado, orientando-se no sentido da superação real e histórica das condições de opressão.

1. **OBJETIVOS**

Tecer uma análise historiográfica em torno da realidade sócio-pastoral da Igreja e a conversão por parte dos agentes de pastorais, ao adotar posições políticas que convergem com o ideário de segmentos de esquerda, onde o Partido dos Trabalhadores (PT) se tornou o principal porto de chegada. No PT a legítima aspiração de libertação do povo pobre se consubstanciava e se identificava com a prática profética erigida das leituras bíblicas nas CEBs. Dissertar sobre o surgimento, a natureza histórica que possibilitou esse desdobramento, a construção de seus referenciais e efeitos é precipuamente o objetivo desse trabalho.

Especificamente a nossa investigação tende a perceber o comportamento político-pastoral dos agentes de pastorais católicos em Feira de Santana, no período intercalado entre 1985 a 1995, e a relevância do Partido dos Trabalhadores sobre a imersão desses pastoralistas em seus quadros de simpatizantes e militantes local.

1. **QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Diante do propósito, entendemos que essa pesquisa se caracteriza enquanto estudo de caso por valorizar uma interpretação do contexto a realidade pastoral e histórica da Igreja na América Latina, e as conseqüências de suas posições políticas junto a segmentos de esquerda, no município de Feira de Santana/BA, esse estudo ganha em profundidade ao explorar um caso concreto.

Inicialmente, haveremos de proceder consultas à literatura pertinente e descrições empíricas sobre o assunto, contribuindo para a formatação do nosso trabalho bem como consultar demais teóricos que se propôs a pesquisar o tema enfocando a política e religião no contexto micro: local, regional ou macro: nacional e/ou contexto latino-americano, bem como lançar pesquisa de campo; realizando entrevistas com agentes de pastorais remanescentes, e pessoas que não mais transitam na atual esfera de militância pastoral, política e partidária, porém vivem na cidade.

As etapas para execução dessa proposta de trabalho serão:

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **ATIVIDADES** | **SEMESTRES** | | |
|  | **1º** | **2º** | **3º** |
| Proposição de objeto de estudo | X |  |  |
| Busca de orientação docente, por eixo temático de pesquisa | X |  |  |
| Elaboração de Projeto de Pesquisa (Plano) | X |  |  |
| Coleta de dados |  | X |  |
| Levantamento de referências bibliográficas |  | X |  |
| Leitura e seleção do material |  | X |  |
| Apresentação do Projeto de Pesquisa |  | X |  |
| Elaboração escrita dos pressupostos teóricos |  | X |  |
| Pesquisa de campo |  | X |  |
| Redação da versão preliminar da dissertação |  | X |  |
| Redação da versão final da dissertação |  |  | X |
| Entrega da versão definitiva da dissertação |  |  | X |
| Defesa Pública da Dissertação |  |  | X |

1. **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Oscar Damião de. *Dicionário da Feira de Santana*. Feira de Santana: Santa Rita, 2006.

ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1984. (Coleção tempo de libertação; 7)

AQUINO, Rubim Santos Leão de et al. *História das sociedades*: das sociedades modernas as sociedades atuais. 26. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1995.

BETTO, Frei. *O que é comunidade eclesial de base*. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985 (Coleção primeiros passos; 46)

BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira*: religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes ; Rio de Janeiro: Koinonia, 1998.

BOFF, Leonardo. *Do lugar do pobre*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. (Teologia ; 22)

\_\_\_\_\_. *E a igreja se fez povo, Eclesiogênese*: a Igreja que nasce da fé do povo. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

\_\_\_\_\_. Implosão do socialismo e teologia da libertação. *Tempo e Presença*: Revista do CEDI, São Paulo, n. 252, ano 12, p. 32-36, jul./ago. 1990.

BOFF, Leonardo. *Pelos pobres, contra a estreiteza do método*. Disponível em: <[http://www.cebi.org.br/noticia.php?secaoId=13noticiaId=699](http://www.cebi.org.br/noticia.php?secaoId=13noticiaId=699%20) >. Acesso em: 26 jan. 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Int. org. e sel. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Col. estudos ; 20)

CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia desarmada*: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana. Trad. Eric Nepomuceno. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CATÃO, Francisco. *O que é teologia da libertação*. São Paulo: Brasiliense, 1984 (Coleção primeiros passos; 160)

COÊLHO NETO, Eurelino. A conversão democrática da esquerda no Brasil: aspectos teóricos. *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 176, jul./ago. 1998.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidades eclesiais de base na igreja do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1986. (Documentos da CNBB ; 25)

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *A igreja na atual transformação da América Latina à luz do concílio*: conclusões de Medellín. Trad. Odilon Orth. Petrópolis: Vozes, 1970.

COUTROT, Aline. *Religião e política*. In: RÉMOND, René (Org.). Por uma história política. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

GALEA, José. *Uma igreja no povo e pelo povo*: reflexão teológica sobre a atual ação pastoral da Igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1983.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Pe. Alfredo J.*Gênese, crise e desafios da teologia da libertação.*Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?long=PT&cod=28241>>. Acesso em: 26 jan. 2009.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas* – a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990. (Série temas; V. 3 Brasil contemporâneo)

HERMANN, Jacqueline. *História das religiões e religiosidades*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion ; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

LOWY, Michael. A teologia da libertação acabou? *Teoria e Debate*: Revista do Partido dos Trabalhadores, São Paulo, v. 9, n. 31, p. 51-67, abril, mai. jun. 1996.

MAINWARING, Scott. *A igreja católica e a política no Brasil (1916-1985)*. Trad. Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MENEGUELLO, Rachel. *PT*: a formação de um partido, 1979-1982. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

NEVES, Erivaldo Fagundes Neves. *História regional e local*: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade. Feira de Santana: UEFS; Salvador: Arcádia, 2002.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. *CEB*: unidade estruturante de igreja. In: BOFF, Clodovis et al. As comunidades de base em questão. São Paulo: Paulinas, 1997. (Coleção atualidades em diálogo)

POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968.

REGAN, David. *Igreja para a libertação*: retrato pastoral da Igreja no Brasil. Trad. José W. de Andrade. Ver. John B. Doyle e José Bortolini. São Paulo: Paulinas, 1986. (Coleção fermento na massa)

RODRIGUES, Cátia Regina. *A arquidiocese de São Paulo na gestão de d. Paulo Evaristo Arns (1970-1990)*. 2008. 154 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ROMANO, Clayton Cardoso. *Do ABC ao Planalto*: a cultura política do petismo. 2008. 183 f. Tese (Doutorado em História) Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2008.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTANA, Cristiane Soares de. *Notas sobre a história da ação popular na Bahia* *(1962-1973)*. In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (Org.). Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetos, novos horizontes. Salvador: EDUFBA, 2009. (V. 1)

SANTOS, Rita Evejânia dos. *Interação fé e vida*: a “caminhada” das comunidades eclesiais de base em Feira de Santana (1980-2000). 2010. 118 f. Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2010.

SILVA, Elizete da. *Engels e a abordagem científica da religião*. In: MUNIZ, Ferreira ; MORENO, Ricardo ; MOURA,Marco Castelo Branco de (Orgs.). Friedrich Engels e a ciência contemporânea. Salvador: EDUFBA, 2007.

SILVA, Kalina Vanderlei ; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

TANGERINO, Márcio R. J. *Os impasses da prática política da igreja popular*. Campinas: Alínea, 1998.

ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro. *Os jesuítas e o apostolado social durante a ditadura militar*: a atuação do CEAS. 2. ed. rev. e amp. Salvador: EDUFBA, 2010.

1. É uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como o seu pastor próprio, sob a autoridade do bispo da Diocese. Em síntese é uma subdivisão territorial de uma Diocese, uma circunscrição eclesiástica territorial que compreende todos os fiéis do território onde se reside. [↑](#footnote-ref-1)
2. Para o intento dessa análise, “esquerda” significará o conceito referencial de movimentos e idéias endereçado ao projeto de transformação social em benefício das classes oprimidas e exploradas (GORENDER, 1990). Como também, organizações políticas que têm ou tiveram algum vínculo com a tradição marxista (COÊLHO NETO, 1998, p. 59,). [↑](#footnote-ref-2)
3. O PT tinha conquistado historicamente posições de direção nos setores organizados da classe trabalhadora, se coadunava com a prática bíblica das CEBs, quando se priorizava nas comunidades a legítima aspiração de libertação do povo pobre se redescobria na leitura bíblica o privilégio pelos setores oprimidos, dominados, orientando-os no sentido da superação real das condições de opressão a que estão duramente submetidos. [↑](#footnote-ref-3)
4. Termo utilizado pelo Papa João XXIII para designar a adaptação dos princípios católicos à emergente realidade sócio-cultural, ou, ainda, representava adaptação, adequação, sinal do esforço da instituição em buscar novas respostas para a sociedade na qual estava inserida e não perder seu espaço secularmente conquistado (SANTOS, 2010, p. 38). [↑](#footnote-ref-4)
5. Gênero historiográfico que em seus desígnios estuda as atitudes mentais de uma sociedade, os valores, o sentimento, o imaginário, os medos, o que se considera verdade, ou seja, todas as atividades inconscientes de determinada época. É História de tendência etnográfica (SILVA ; SILVA, 2008). [↑](#footnote-ref-5)